

AS DARK FORCES VÃO CONSUMIR-TE, MIÚDA.



ARRANCA-ME O CORAÇÃO

TOP
SEL
LER

K.M. MORONOVA

*Para quem se apaixona sempre
por um homem fictício
que a pode, ou não, matar.*

PLAYLIST

«5150», mgk

«My Fault», Shaboozey feat.
Noah Cyrus

«Monsters», All Time Low, feat.
Demi Lovato e blackbear

«La Di Die», Nessa Barrett feat.
jxdn

«Nightmare», Halsey

«Bleed It Out», Linkin Park

«End Of Time», Zara Larsson

«We Can't Stop», Miley Cyrus

«Long Way from Home»,
The Lumineers

«Spirits», The Strumbellas

«Die First», Nessa Barrett

AVISO DE CONTEÚDO

O conteúdo deste livro pode ser perturbador e inquietante para alguns leitores. É um romance militar sombrio que tem lugar num cenário fictício. As Dark Forces são um grupo de operações clandestinas que criei e que não representa de modo algum quaisquer operações militares reais. Os locais/bases específicos são fictícios, mas baseados em cenários do mundo real.

A ação deste livro decorre dez anos antes de *Não me Leves Contigo*, mas a história é completamente independente.

Se forem sensíveis ou ficarem facilmente incomodados com qualquer dos temas seguintes, por favor, não leiam este livro.

Este livro inclui: violência física, cenas de sexo explícito, derramamento de sangue explícito, morte, linguagem explícita, comportamento sexista, trauma de guerra, descrição de missões militares, transtorno de stress pós-traumático, homicídio, personagens mentalmente instáveis, automutilação, consumo de substâncias pesadas, abuso de cadáveres.

PRÓLOGO

CAMERON

Dizem que os soldados das Dark Forces se assemelham a ferramentas empunhadas pelos verdadeiros demónios do mundo. Somos um segredo sujo. As armas avariadas e varridas para debaixo do tapete quando saímos da validade.

Só que eu não pretendo morrer nas forças militares clandestinas. Não pretendo morrer de todo. Serei o melhor destes soldados retorcidos. Quero ser como o tenente Erik e subir nas fileiras ao seu lado. Foi o único que esteve ao meu lado na minha lamentável vida. O único que sempre cuidou de mim.

Daí ter os polegares enterrados nas cavidades oculares de um idiota qualquer. Ele grita, um som tão doce que sinto os joelhos fracos.

— Oh, não olhes para mim assim. Estás a gostar tanto disto como eu, Titan — digo ao meu camarada, que me dirige uma careta de desdém a uns dois metros de mim. Tem o equipamento tático negro sujo de terra e de sangue, tal como o meu. Tem os óculos sobre o capacete, deixando um anel limpo em volta dos olhos que contrasta com a sujidade do resto do rosto.

— Mori, nem por uma vez apreciei a tua forma de fazer as coisas. Fazes o favor de te despachares, porra? Estou a ficar com o estômago às voltas de ver isto.

O Titan volta-se para o outro lado e cobre a boca como se fosse vomitar. De todas a coisas grotescas que nos rodeiam nesta barraca abandonada no meio do nada, acho que o que estou a fazer é o menos nauseante.

Reviro os olhos. *Pronto.*

Os meus dedos deixam os olhos do soldado. Agarro na pistola com firmeza numa mão e afasto os dentes que ele mantinha cerados com a outra.

— Abre. Bem — ordeno, articulando com excesso de dramatismo como se desse de comer a uma criança. O meu sotaque britânico torna-se mais denso com a pronúncia demorada das palavras.

O homem choraminga quando o metal da minha arma lhe raspa os dentes ensanguentados. Empurro-a até ao fundo da garganta dele, fazendo-o engasgar-se e debater-se inutilmente antes de puxar o gatilho. O seu corpo fica instantaneamente flácido.

Alívio e euforia percorrem-me as veias quando inclino a cabeça para trás e observo o teto em ruínas. Uma gargalhada maníaca escapa-se da minha garganta enquanto limpo as luvas ensanguentadas ao colete, olhando de relance para o Titan.

Tem fixo em mim um olhar de desconfiança. *Argh. Tipos novos.* Pisco os olhos lentamente, tentando fazer uma leitura da sua pessoa. O Esquadrão Fury é só para os mais depravados dos homens. E sinceramente? Não creio que este tipo tenha aquilo que é necessário. Nem nada que se aproxime. Sei que ele passou nas provas e tudo o mais, mas está demasiado verde. Demasiado astuto e matreiro.

Não sei por que motivo o general Nolan continua a escolher criminosos como ele. Não encerram qualquer promessa. Não verdadeiramente. Não como eu.

O meu sorriso irónico acentua-se quando o Titan desvia o olhar.

Talvez fosse melhor para todos se o apagasse. *Ora, aí está uma boa ideia.*

O meu dedo estremece sobre o gatilho da pistola, um movimento que não passa despercebido ao Titan.

— Juro por Deus que te corto a cabeça, Mori. *Nem te atrevas* — diz o Titan com desdém. E aponta-me a M16 à cabeça. Ele conhece o meu segredo sombrio, que não é assim tão secreto. Todos o conhecem, agora que foi declarado um problema.

Oh, ele é atrevido, penso para comigo, deixando que um leve sorriso me aflore aos lábios enquanto levanto as mãos de forma inocente.

— Não faço ideia do que queres dizer. — *Ainda assim, a ideia da cabeça cortada não é nada má*. A sua proteção do pescoço pode ser facilmente puxada para baixo, uma vez que não está presa do modo correto, e tem o capacete demasiado solto. Reparei assim que embarcámos no helicóptero, esta manhã. Um puxão para trás seria o bastante para o sufocar. Um corte limpo...

Aperto os lábios e abano a cabeça. *Não, não vou fazer isso.*

Nem pensar.

O Titan não baixa a arma um instante que seja, mas acaba por baixar a guarda. Arrasto os corpos dos nossos alvos para um canto do edifício abandonado. As Dark Forces enviarão alguém para limpar o que deixarmos depois de terminada a missão.

Pego na nova variedade de comprimidos que o Nolan está a testar em mim e meto três na boca antes de partirmos.

Regressamos à base para nos juntarmos ao resto do esquadrão. A barba escura e desgrenhada do Titan tem restos de cinzas do fogo de mato que ateámos há pouco como distração. Os meus olhos fixam-se no pescoço dele, e sou obrigado a morder a língua para me impedir de pensar de novo na sua morte.

Conto o número de vezes que a minha mão desce para a minha faca de combate e imagino como seria cortar-lhe a cabeça. Ele não me devia ter metido essa ideia na cabeça. É sempre pior quando são específicos comigo.

Não o matarei, como matei o meu último parceiro. Não o farei.

Não.

Todos nas Dark Forces sabem que eu tenho uma falha fatal. Que o Mori, o membro mais prejudicial do Esquadrão Fury, tem a porra de um problema catastrófico.

É que, vá lá perceber-se porquê, não consigo deixar de matar todos os meus parceiros diretos. Pois, acho que sou um bocado marado, mas parece ser uma condição necessária para pertencer às Dark Forces. O tenente Erik escolheu-me por algum motivo, e gosto de pensar que foi porque viu algo malévolos em mim que sabia que não encontraria em mais ninguém. Porque ele precisa de alguém como eu no esquadrão, alguém que seja capaz de fazer o impensável sem o questionar.

Problemas de abandono. *Eu sei.* Um soldado de 27 anos é demasiado velho para essas coisas, não é? Mas terapia não é luxo a que nos possamos permitir, não quando somos forças secretas dispensáveis.

Quando chegamos à nossa base temporária, o tenente Erik e o resto do Esquadrão Fury já estão sentados em volta de uma fogueira crepitante. Não se encolhe ao ver-me coberto de vermelho; limita-se a olhar para o meu uniforme manchado de sangue e a suspirar. E então? Ele espera que o meu trabalho seja limpo? Faço má cara perante o julgamento nos olhares dos outros. O Thomas e o Gage trocam um olhar inquieto enquanto o Kayden cobre a boca com a mão.

— Mori... Contaste, como te disse para fazeres? — pergunta o Erik com uma careta demorada, que acentua a sua expressão de desilusão. Tem o cabelo escuro desalinhado em virtude do longo dia.

Ergo uma sobrancelha e faço que sim com a cabeça. Um sorriso nefasto apodera-se dos meus lábios antes que eu perceba porquê.

— Nesse caso, o que tens na mão? — insiste o meu superior, parecendo chateado.

Os meus olhos descem para as minhas mãos molhadas e carregadas, que seguram a cabeça do Titan. Tem o olhar baço e não consigo lembrar-me de quando o fiz.

Raios partam.

Se continuar a fazer isto, serão eles que um dia acabarão comigo, pouco importando se sou o rato de laboratório que mais tempo sobreviveu.

CAPÍTULO 1

EMERY

O comboio para quatro vezes no trajeto até Bellingham, Washington. As únicas pistas da minha localização são os sinais que indicam as estações que se aproximam e os anúncios feitos pelo maquinista através do intercomunicador para informar os passageiros comuns.

Um suspiro fatigado deixa os meus lábios e dou por mim a desejar ser um dos civis em simples viagem até à próxima cidade.

Estou algemada e acorrentada. Quatro soldados armados guardam as duas saídas, e sentado à minha frente está uma espécie de general das forças armadas a fumar um charuto. Bate-lhe ocasionalmente com a ponta do dedo, fazendo cair cinza no cinzeiro por baixo do mesmo, enquanto me avalia.

Não sou especialista no sistema judicial, mas não me parece que criminosos sejam tratados deste modo numa situação como a minha. Por outro lado, acho que a minha situação é um pouco... *invulgar*.

Duvido que soldados de uniforme tático preto costumem entrar na cela de uma assassina de renome às três da manhã na companhia de um general, para a atirarem ao chão, amordaçarem, amarrarem e raptarem da prisão enquanto o chefe dos guardas

e o diretor do estabelecimento observam e fumam os seus charutos malcheirosos. Não é verdade? Ou será que estou a delirar?

Porque acho que fui raptada por uma operação militar, ainda que não reconheça as insígnias ou sequer as suas vestimentas. E não consigo imaginar o governo a aprovar uma coisa deste género. Por causa de toda a conversa da *imagem pública* e por aí adiante.

Nesse case, que raio se passa aqui?

Mudo de posição no banco de couro, sentindo o desconforto provocado pelas correntes que me mantêm os tornozelos separados por apenas dez centímetros.

Depois de uma curta viagem de carro para longe da prisão, os guardas obrigaram-me a entrar num edifício onde me fizeram tomar banho e vestir roupas civis. Só posso presumir que para evitar chamar mais a atenção do que o necessário. Por mais incrível que possa parecer, quando dei por mim já me tinham colocado de novo as algemas e embarcámos num vagão privado num comboio com destino a Bellingham, Washington.

É estranho que não mantenham segredo do local que me aguarda, não é? Talvez isto não seja realmente um rapto.

Os meus olhos não sobem ao encontro dos do homem sentado diante de mim enquanto calculo mentalmente diferentes cenários. Está vestido com um uniforme militar preto e bate com o dedo na mesa, o que me deixa nervosa.

Equilibra o charuto na beira do cinzeiro e tira outro de uma caixa que se encontra em cima da mesa, oferecendo-mo. Evito o seu olhar, preferindo observar o exterior depois de recusar silenciosamente. Passámos por Seattle há uma hora, e a vista não foi mais do que a baía, barcos de pesca e nuvens de tempestade. O metal em volta dos meus pulsos parece ficar mais frio quanto mais aprecio a vastidão do mar, como o mundo é grande e vasto, e como o meu mundo se tornou muito mais reduzido num curto espaço de tempo.

Nunca fui verdadeiramente livre para ter uma experiência do mundo como as das outras pessoas. Mas isso sempre constituiu uma tentação... Uma vida livre da família Mavestelli.

— Sabe, inicialmente fiquei chocado quando li o que uma jovem encantadora como a Emery tinha feito — começa o homem à minha frente, e a sua voz sobressalta-me por um instante. Passaram-se horas de puro silêncio, e tinha-me habituado à quietude.

Sinto sempre uma dormência evidente do lado esquerdo do peito quando as pessoas me dizem isso. Talvez se deva ao facto de não sentir o choque que elas sentem ao descobri-lo. Ou talvez seja a compreensão de que há algo de profundamente errado comigo.

Parece que já não consigo sentir grande coisa. É provável que seja melhor assim, porque não quero saber o que sentiria neste momento. Desespero. Medo. Arrependimento. Estes homens não parecem estar associados aos guardas vestidos com fatos com quem o meu pai trabalha. As Famílias não costumam vestir nada que não indumentárias formais, e estes tipos têm um ar garantidamente militar, pelo que não tenho a certeza do destino que me espera.

Também não tenho a certeza se será melhor ou pior.

O homem à minha frente acende o seu charuto e devolve a caixa ao bolso da camisa. Enfrento, por fim, o seu olhar.

Os olhos dele são castanho-claros, tão baços que quase parecem cinzentos. Usa o cabelo castanho-claro rapado dos lados e um pouco mais comprido em cima, o suficiente para o poder pentear para o lado. A barba por fazer acentua-lhe a metade inferior do rosto, tornando a linha do maxilar mais evidente. Um odor a fumo e mogno, da água-de-colónia, enche o ar à sua volta — um aroma que associo a homens abastados e malévolos que frequentam discotecas e têm dinheiro a mais para gastar. É atraente, para alguém que imagino que esteja na casa dos 40 anos. Mas a forma como me encara com um olhar tão inexpressivo deixa-me a mente confusa.

Quem é ele? Porque é que uma prisioneira como eu está a ser transportada antes de ir a tribunal?

— Não esperava que uma jovem que recebeu uma educação como a sua fosse... enfim, violenta — continua, aclarando a

garganta. — Descendente da linhagem dos Mavestelli, a família mais abastada da Costa Oeste. É chocante, especialmente depois de ver como é pequena. — Sinto a garganta seca quando ouço o meu apelido pronunciado por ele. Há uma sombra a envolver-lhe o olhar. Como se me testasse. Não permito que a minha fachada inexpressiva se desfaça. Ele sacode o jornal que tinha debaixo do braço e lê: — «Jovem de 24 anos finalmente capturada após os dez assassinatos hediondos confirmados nos últimos quatro anos.»

Estremeço ao ouvi-lo ler a manchete com tanta indiferença. Estou habituada a ouvi-la lida com mais desdém e repulsa.

Parece mais apropriado ficar horrorizado do que indiferente, o que aumenta ainda mais a minha desconfiança em relação a este guarda. A calma e a inteligência permeiam os seus movimentos. Como se já tivesse feito isto um milhão de vezes. Usa a ponta da caneta para abrir o meu dossier, uma pasta de papel pardo com apenas algumas páginas e excesso de fotografias das minhas vítimas.

— Emery Cecilia Mavestelli. É o seu nome formal, não é? — pergunta, cravando em mim o olhar por tempo suficiente para me ver assentir. Ergue ligeiramente uma sobrancelha antes de continuar. — Vamos abreviar este apelido para Maves, como na maioria das suas identidades falsas. Não se dê o caso de termos problemas com os outros cadetes, sendo a Emery quem é e afins.

Solto um pequeno suspiro.

Maves é seguro. Depois do fiasco público que foram os meus crimes, se alguém souber que o meu apelido é Mavestelli, sou uma mulher morta. É impossível saber quantos assassinos a soldo andam à minha procura.

Este tipo deixa-me nervosa. Olho para os soldados e tento perceber a situação, mas eles nem pestanejam na minha direção. Enrolo ansiosamente madeixas do meu cabelo cor-de-rosa-pastel entre os dedos. Os meus pais sempre detestaram que pintasse o cabelo desta forma, mas é a minha cor preferida e fica muito

bem com o tom azeitona da minha pele. Para não dizer que é o mínimo que me podiam permitir fazer por ser a sua pequena executora.

— Bem, hoje é o seu dia de sorte, Emery — diz ele, fechando a pasta e entrelaçando os dedos a que encosta os lábios, escondendo o seu sorriso maníaco. — Vai ser retirada do mundo civil e colocada nas Dark Forces. Constituem um ramo militar de que nunca ouviu falar, e nunca ouvirá, porque não existe.

Arregalo os olhos. *Um ramo secreto?* Pelo menos não estão ligados a nenhuma das famílias que o meu pai lixou. Um breve alívio acalma-me os nervos momentaneamente, porque qualquer coisa é melhor do que uma família rival a deitar-me a mão.

— É uma operação clandestina. Um dos segredos mais bem guardados do mundo. Essencialmente, recebe um bilhete que a livra da pena de morte. Serei o seu guia de transporte para a base no Alasca, e deverá tratar-me por general Nolan.

As minhas sobrancelhas unem-se e uma carranca apodera-se dos meus lábios. *Um general a escoltar-me? Porque não enviaram alguém mais discreto, como um cabo ou algo do género?*

— Espere, *como?* — pergunto, beliscando a coxa para ter a certeza de que me encontro totalmente sã neste momento. As palavras dele dão a entender que estou a ser colocada nas forças armadas, mas num ramo não existente. Porquê eu? Não vou ser morta, como os guardas prisionais me diziam constantemente em jeito de provação?

O Nolan fita-me de novo e os seus olhos severos continuam impassíveis.

— Emery, terá de ser muito mais inteligente se quiser sobreviver às Provas do Subterrâneo.

Bato com as mãos algemadas na mesa. A chávena de café do general entorna e os quatro soldados de guarda apontam-me as espingardas ato contínuo.

— Que provas? Que *Dark Forces*? O que diz não faz qualquer sentido. Foi para isto que me raptaram da minha cela? Levem-me

de volta — respondeo. — Não estou interessada em juntar-me a mais nenhum circo.

O Nolan levanta passivamente a mão num gesto que pede que os seus soldados baixem as armas.

— Não é uma escolha. A partir de hoje, a vida que tinha antes acabou. Tanto quanto a sociedade sabe, a Emery morreu. Enforcou-se na sua cela durante a madrugada e foi despachada sob a supervisão do diretor da prisão. Eu próprio assinei a sua certidão de óbito esta manhã, pelo que é melhor preparar-se se quiser sobreviver nas Dark Forces, cadete Maves. Pode pensar nas provas com uma espécie de recruta mortífera. Nem sequer tenho a certeza de que sobreviva ao primeiro teste, dado aquilo por que terá de passar antes.

Muito bem. Ele está a falar a sério. O meu ritmo cardíaco acelera.

Analiso a gravidade da minha situação. Processo o que consigo, após o que inspiro profundamente para me centrar. Não sei exatamente as implicações de tudo isto, mas parece que consigo *não* passar o resto da minha vida a apodrecer numa cela de prisão. Apetece-me rir; quando finalmente tinha aceitado o meu destino, eis que tinha de acontecer uma coisa deste género.

— Tenho de matar pessoas? — pergunto, abrindo os olhos devagar e olhando fixamente para o Nolan. É estranho dizer estas palavras em voz alta, mas é garantido que ele sabe tão bem como eu que a única coisa que aprendi a fazer foi abater alvos. A linhagem Mavestelli está amaldiçoada. É maligna.

Quem quer que sejam as Dark Forces, fizeram bem os trabalhos de casa em relação à minha pessoa.

— Claro, e se a Emery se sair como espero que saia na instrução, será colocada num esquadrão pré-designado — explica o Nolan, e o seu sorriso é sinistro. — Bem, ainda temos uma pequena paragem antes de passar à clandestinidade, mas trataremos de atravessar essa ponte quando lá chegarmos. — Há algo na forma como os seus olhos brilham ao pronunciar a última frase

que me deixa em alerta. Está a tentar assustar-me, à espera de uma reação. Fui treinada para matar desde que aprendi a ler, mas também fui treinada para ocultar as minhas emoções.

A minha família não era normal nem carinhosa segundo qualquer padrão conhecido. O nome Mavestelli é apresentado ao público como uma família de perfil elevado e fortuna hereditária, quando na verdade lideramos o mercado negro ilegal de transações de tecnologia e informações normalmente conhecido como «submundo». É perturbador o peso que podem ter alguns pedaços de papel ou um produto insuspeito, os segredos que escondem. E o meu trabalho era garantir que homens de fato eram devidamente eliminados se tentassem trair-nos. Claro que eu teria preferido ler um dos livros antigos da minha biblioteca, ou pegar nos pincéis que não uso há anos para pintar os pensamentos negros e sombrios que me enchem a mente, mas o que queria fazer da minha vida veio sempre depois de ser uma assassina.

Gregory Mavestelli, o meu pai, preparou-me não apenas para exterminar os seus alvos sem lançar suspeitas, com facas e armas com silenciador, mas também para dirigir barcos, aviões e helicópteros. Acho que o seu plano era que eu me tornasse sua motorista ou piloto de fuga se a coisa desse para o torto. Isto é, podia ter sido esse o plano se ele não me tivesse entregado aos agentes federais para obter um acordo judicial depois de um informador o ter notificado sobre a operação policial dirigida contra ele.

O que esperava eu? Que o Greg fosse ao charco enquanto a sua família vivia uma vida agradável e pacífica? Os Mavestelli nunca conheceram a paz.

Ele seria capaz de mentir para que assim continuasse a ser. E entregou-me para que fosse o seu bode expiatório.

Como seria de esperar, fui a única que as autoridades quiseram realmente. Só precisavam de uma pessoa para satisfazerem a exigência pública de justiça. Não lhes importava desmantelar a operação. As pessoas que têm as mãos literalmente sujas de sangue são o tipo de captura que satisfaz todos.

Fixo o olhar no general sentado diante de mim.

— Vejamos, qual é exatamente o sentido de estar neste esquadrão e fazer o trabalho sujo do governo? O que ganho com isso? Posso simplesmente recusar e fazer com que me mate neste momento. Não lhe parece que isso nos poupava imensos problemas? — pergunto, com um olhar de aborrecimento, fitando a espingarda de um dos guardas e pensando em como seria rápido.

O Nolan semicerra os olhos de modo pensativo antes de tirar um bilhete do bolso e me acenar com ele.

Desdobrei o papel e vejo a palavra «renascimento» datilografada em letra pequena no centro do mesmo. Também vejo um código de barras no fundo.

— É a isso que aspiram todos os que estão nas forças clandestinas. Na verdade, retiro o que disse. Acho que alguns de nós gostam de viver na sombra de modo permanente, mas a maioria quer as suas cartas de liberdade. Uma segunda oportunidade na vida e a possibilidade de conquistarem a sua saída do inferno.

Uma gargalhada seca forma-se na minha garganta e cubro a boca com a mão, mas não serve de nada.

— Está a falar a sério? — pergunto. — Consigo um estúpido pedaço de papel e já está? Sou livre?

— Isso mesmo. Fácil — responde o Nolan. O seu olhar é frio e o sorriso que tem nos lábios arrepia-me a pele.

Devolvo-lhe o papel e recosto-me na cadeira, cruzando os braços sobre o peito. Não estou certa de que ele me esteja a dizer tudo, mas não tenho voto na matéria.

— Qual é o senão?

— Não há senão nenhum. Serve nas Dark Forces e é libertada se ganhar a carta.

Se.

Avalio-o com atenção. Da malícia controlada no seu olhar à forma intrincada como transmite informações, faz-me lembrar o Reed. É possível que a ideia de não o voltar a ver seja o meu único arrependimento.

Todos os vilões experientes e incompreendidos têm um mentor, não é assim? Muito bem, o Reed foi o meu. Ele era o prodígio da nossa pequena academia de famílias do submundo. Apesar de termos a mesma idade, ele sempre esteve cinco anos adiantado em tudo. Era demasiado inteligente e perverso para o seu próprio bem.

Mas o Reed ensinou-me a fazer as pazes com o meu destino como assassina. Mostrou-me como transformar as mortes em algo encantador, a deixar nelas o meu toque próprio. Por vezes, pergunto-me se foi apenas para ver até que ponto conseguia manipular a minha mente. O Reed sempre disse que adorava os monstros que viviam no interior das pessoas. Do que mais gostava era de os revelar. E foi precisamente por isso que o Greg fez do Reed o seu braço direito.

— E quantos soldados das Dark Forces ganharam as suas cartas? — pergunto. A minha perna balança ansiosamente. Ele perturba-me de um modo que dá a sensação de me estarem a colocar pedras nos bolsos do casaco antes de ser atirada ao mar.

— Até agora, nenhum — responde o Nolan, inclinando-se para diante e apoиando-se nos cotovelos num movimento provocador. — Mas está a precipitar-se, cadete Maves. É possível que não passe da primeira noite.

— Isso é reconfortante — contraponho baixinho, um pouco abalada pela sua falta de explicação em relação ao local exato para onde vou por uma noite antes da recruta. *Não lhe mostres que estás preocupada.* Forço uma expressão calma e levanto o queixo.

O seu sorriso cruel revela-me que ele gosta de fazer pequenas promessas de liberdade. Mas não tenho a certeza de ainda ter em mim o suficiente para me agarrar aos tentáculos da esperança. Já dei ao mundo tudo o que tinha.

CAPÍTULO 2

CAMERON

A câmara de isolamento não parece tão má passados trinta dias. A verdade é que até gosto. Não há nada como ficarmos sozinhos com os nossos pensamentos e à conversa com paredes cinzentas, tetos igualmente cinzentos e portas com grades também cinzentas. A refletir sobre se ainda somos sãos ou se, na verdade, nunca o fomos.

Com as costas contra o chão frio e as pernas dobradas pelos joelhos, atiro uma bola de borracha ao teto repetidas vezes. É o meu único entretenimento, além de andar de um lado para o outro da cela enquanto espero que o meu castigo termine. Não é que deteste estar só — a verdade é que até prefiro —, mas imaginar o que acontece fora daqui na minha ausência deixa-me louco.

O meu esquadrão precisa de mim. Já desiludi o tenente Erik demasiadas vezes.

Bato com a palma da mão na zona lateral da cabeça algumas vezes. *Não vou matar o meu próximo parceiro. Não vou.* Gravo as palavras na minha cabeça.

Não é que eu queira.

Céus, mas quantas vezes já aconteceu? Três? A minha mão imobiliza-se perante a ideia, e a bola de borracha atinge-me na testa. Pisco os olhos e suspiro lentamente. *Porra.*

Da última vez só fiquei em isolamento dez dias, mas quem sabe quanto mais tempo irá isto durar desta vez? Sento-me e desloco-me na direção do lavatório, agarrando ambos os lados da peça de porcelana antes de olhar para mim no espelho. Os meus olhos verdes estão mais baços do que o habitual, e a minha pele empalideceu consideravelmente sem a luz do sol.

Ajusto o penso sobre a pálpebra e verifico se o corte cicatrizou mais desde que o tenente Erik me cortou o olho. Felizmente, não perdi a visão, embora ainda sangre ocasionalmente da esclera. Já está quase curado. Só ainda não consigo abrir o olho por completo, mas não sou muito de me queixar. Atiro o penso para o cai-xote do lixo.

Sinto-me bastante bem, apesar do facto de ter o aspetto de alguém que está a morrer. O meu cabelo louro-claro despenteado perdeu a cor até quase ficar branco. Isso é um efeito causado pelas drogas que as Dark Forces me ministraram; o tom castanho-claro natural do meu cabelo clareou visivelmente. As olheiras fazem-me parecer impiedoso. Bom, e *não sou?* Abano a cabeça e volto a bater com a palma da mão na têmpora.

Eu vou mudar. Não matarei o próximo.

A dado momento, enquanto me encontro imerso no meu discurso de automotivação, os segredos da fechadura de metal rangem e a porta da minha cela abre-se. Inclino a cabeça e espero ver o Erik a entrar para finalmente me ir buscar, mas não é ele quem entra pela porta.

O general Nolan?

É alguns centímetros mais baixo do que eu, e eu meço um metro e noventa e três, o que faz com que ele não seja pequeno, mas o que me chama a atenção é a mulher de baixa estatura e cabelo cor-de-rosa que se encontra ao seu lado. Não é um cor-de-rosa estilo pastilha elástica. É mais o cor-de-rosa-pastel de uma rosa que floresce no final da primavera, com pétalas que se abrem quando banhadas pelo sol. A sua pele cor de azeitona é suave e encantadora, e os olhos dela não se assemelham a nada

que alguma vez tenha visto. Atravessam-me, com o castanho-dourado de uma tempestade que se mistura com um incêndio florestal.

A respiração falha-me e sinto um peso na boca do estômago. O que faz aqui um ser tão esbelto e suave como ela?

Obrigo os meus olhos a fixarem-se no general, na esperança de que ele não esteja prestes a fazer algo terrivelmente irritante.

O Nolan odeia-me. Tudo o que faço é gerar mais papelada para ele, pelo que faz sentido que me despreze. Tem de estar constantemente a recrutar pessoas novas da bolsa de criminosos, mas não sabia que era *tão* mesquinho.

Por favor, não faça o que penso que vai fazer. Os meus olhos percorrem a minha cela desarrumada. O colchão coberto de mantas que se encontra no chão está desfeito, e a minha secretária, a um canto, tem papéis e livros espalhados descuidadamente, como se eu não tivesse classe.

Não esperava visitas.

Um pequeno aviso teria sido simpático. Coço a parte de trás do pescoço, atrapalhado.

O Nolan aclara a garganta e sorri na minha direção.

— Mori, decidi começar a apresentar-te os teus parceiros na solitária em vez de os treinar e preparar para a matança — diz.
— O desperdício de tempo é menor, percebes?

Oh, sim, está danado comigo. Esperem, ele acabou de dizer que ela é a minha nova *parceira*? Arregalo os olhos quando começo a processar a informação, permitindo-me desviar o olhar para a pequena mulher ao seu lado. Parece mansa, parada, incerta, com as mãos entrelaçadas à frente do corpo. Tenho dificuldades em imaginar o que é que alguém que parece tão bem-educado como ela faz nesta coisa complicada que são as Dark Forces.

Ele dá uma palmada no ombro da mulher antes de a empurrar na minha direção.

Ela arqueja e detém-se antes de embater no meu peito. Os nossos olhos encontram-se quando ela olha para cima, tendo

de inclinar a cabeça para trás para me encarar. Os seus lábios carnudos ficam a curta distância dos meus.

— Isto não é *mesmo* boa ideia — observo, crispando os músculos do queixo enquanto olho lentamente para o general. A minha voz soa baixa. Ele sabe que a matarei nos próximos dez minutos, se me deixarem sozinho com ela.

A verdade é que não consigo evitar. Sou um soldado retorcido e avariado, e ele sabe.

— Um dia. É tudo quanto tens de me provar — murmura o Nolan em resposta, encolhendo os ombros e acenando com a mão para trás da cabeça. — Que a consegues manter viva uma noite que passem juntos, e depois avançamos com esta rapariga.

— Mas...

— Cala a boca! Estou farto das tuas merdas, Mori. Não estou disposto a desperdiçar mais soldados treinados contigo. Vais fazer parelha com alguém que não mates logo de início. Entendeste? — grita o Nolan. A sua voz faz ricochete nas paredes e provoca-me arrepios nos braços.

Assinto, olhando para a pequena mulher ao meu lado. Parece muito quebradiça, com a sua estrutura óssea elegante. Acho que seria capaz de lhe envolver o pescoço apenas com uma mão e... *Não. Não penses assim.*

— Ótimo — remata o Nolan, atirando o que resta do charuto contra o meu peito. Cai no chão, ainda com a ponta em brasa cor de laranja.

Ele procura algo no bolso lateral antes de me estender a mão. Já sei que é provável que tenha alguns comprimidos para me dar, e levo a mão avidamente ao encontro da sua. Ele deixa cair três cápsulas na palma da minha; são pretas e têm as letras «DF» inscritas a branco. Significa que são para uso exclusivo das Dark Forces. Somos sempre as cobaias de algo que seja pensado para as forças «lá de cima».

Suplementos, armas, treinos, o que se quiser.

Este é um lote em que estou particularmente viciado, e um lote que eles estão ansiosos por submeter aos ensaios finais. Querem

o que todos os militares avariados querem. Soldados melhorados. Esta série embota-me os sentidos em relação a qualquer tipo de dor. Consigo ver melhor, correr mais depressa, fazer tudo... enfim, melhor.

É espantoso que se farta. Faço rodar os comprimidos na minha mão, olhando para eles como se fossem a minha salvação.

O único contra é que me estão a deixar doido.

O Nolan dirige-me um olhar áspero antes de sair. Não se dá ao trabalho de dizer uma palavra que seja à rapariga. A porta de metal fecha-se com um estrondo quando ele sai, e eu sou deixado no pior dos cenários. Um silêncio sinistro preenche o vazio do pequeno quarto de cimento. Engulo o nó que sinto na garganta antes de me virar para olhar para a minha nova colega de quarto prestes a morrer.

Os seus olhos parecem duas lâminas de aço. Há neles um brilho de desconfiança quando se encosta à parede oposta.

— Mantém-te longe de mim, porra — rosna de forma viciosa.

Não consigo deixar de a achar encantadora. Afinal, pelo amor de Deus, o cabelo dela é cor-de-rosa. Ela pode muito bem ser uma pequena cobra de jardim com uma mordedura inofensiva. O meu olhar suaviza-se enquanto a observo, decidindo que ela é demasiado encantadora para um lugar como este. Ela só atrapalharia, como o Titan. E veja-se o que lhe fiz a ele.

— Vou tentar — respondo, com um sorriso vazio de esperança.

CAPÍTULO 3

EMERY

O meu corpo é percorrido por adrenalina. Passaram, não sei, *talvez* dois minutos, e este homem já está inclinado sobre o lavatório, com as mãos ali apoiadas enquanto a sua cabeça pende de apreensão.

Age como se já me tivesse matado, e há nisso algo de muito perturbador.

Pela conversa que acabei de ouvir entre ele e o Nolan, acho que ele tem um problema de assassinar pessoas. Seria capaz de apostar que sem o conseguir controlar, pela forma como o Nolan falou.

Formidável. Que riqueza de sorte a minha.

Acho que não consigo safar-me desta. Ele tem facilmente o dobro do meu tamanho, e os seus olhos frios e desconfiados deixam-me inquieta. Engulo em seco e avalio as minhas opções enquanto estudo os seus movimentos.

O Nolan entregou-lhe qualquer coisa antes de se ir embora. Não tenho a certeza do quê, mas este tipo não perdeu qualquer tempo a engolir. Pode ter sido literalmente qualquer coisa, mas eu apostaria numa qualquer espécie de droga. Talvez analgésicos, uma vez que tem um corte recente num dos olhos.

Observo-o cuidadosamente. É facilmente o ser humano mais atraente que alguma vez conheci, e isso faz-me receá-lo ainda mais. Nunca confiei em homens bonitos. Os que conheci deram cabo de mim de uma maneira ou de outra. Fosse por meio de mentiras tóxicas ou por evidente desprezo por mim como pessoa. Os homens bonitos são perigosos.

Tem o cabelo louro-claro, praticamente branco. Tem um corte de cabelo como o do Nolan, mas não tão curto, calculo que por estar aqui fechado sabe Deus há quanto tempo. Uma cicatriz vermelho-escura que parece recente desce verticalmente sobre o seu olho esquerdo. Ele mantém esse olho fechado, deixando apenas o direito visível. A cor dos seus olhos tem o tom mais encantador de verde que já vi, algures entre o sálvia e o cinzento. O seu olho bom não para de se mover na minha direção de modo hesitante, para me observar de relance.

A camisola com capuz negra como carvão que tem vestida realça-lhe a figura, mas ele não para de levantar os braços para passar os dedos pelo cabelo de forma ansiosa, fazendo subir o fundo da camisola e expondo os músculos da barriga. Os meus olhos demoram-se neles mais do que deviam.

Parece que não vou dormir nas próximas vinte e quatro horas. Envolve os braços com as mãos numa débil tentativa de me confortar, mas tudo o que existe entre mim e uma fera é literalmente ar e o tecido fino da minha t-shirt.

Ele endireita-se, por fim, e reconhece a minha presença. Encolho-me de encontro à parede perante o seu olhar pensativo.

— Parece que ficaste presa com os lobos. *Porra*. — Tem um sotaque britânico leve e cadenciado. Temo que seja o mais encantador que já ouvi. Ele afasta uma madeixa de cabelo da testa, encarando-me com olhos semicerrados. — Como é que te chamas, querida? — pergunta de modo casual, enfiando as mãos no bolso central da camisola. A sua voz tem a frescura do crepúsculo, uma melodia profunda capaz de me fazer fechar os olhos e perder-me nela.

Hesito antes de responder, calculando que não faz sentido não lhe dizer.

— Emery — respondeo.

Ele sorri perante o tremor na minha voz.

— Eu chamo-me Cameron, mas a maioria dos que aqui estão trata-me pelo meu nome de código, Mori. Podes chamar-me o que quiseres, que não me importa. Seja como for, a probabilidade de não voltares a dizer grande coisa depois de hoje é alta.

Faço uma careta perante o seu tom descuidado. Ele vai ser mesmo assim tão atrevido? Acha que vou simplesmente ficar quieta e deixar-me morrer. Cerro os punhos.

Ele fala bem. Com modos, ao contrário do que me fez esperar a sua aparência insensível e, muito sinceramente, o facto de estar fechado numa cela das Dark Forces. Parece um perfeito brutamontes — a camisola com capuz não lhe esconde minimamente os músculos —, mas é evidente que também possui um cérebro a funcionarativamente por trás do queixo firme e dos olhos curiosos.

O que será necessário para irritar um tipo assim? *Só existe uma maneira de saber*, penso para comigo, decidindo testar a paciência dele.

— Mori? Como «morrer» em latim? — pergunto, e o meu tom condescendente vale-me um sorriso mais amplo, que me permite ver os seus dentes brancos e perfeitamente alinhados.

— Há quem goste de interpretar o nome como «conquistar» — responde, levantando um ombro. Acompanha as palavras com um sugestivo erguer de sobrancelha, que faz o meu coração bater mais depressa.

— Alguns? Queres dizer tu — responde, o que me vale uma forte careta.

— Emery, o Nolan disse-te o porquê de teres sido deixada numa cela da solitária comigo? — pergunta ele, avançando um passo na minha direção.

Inspiro fundo e obrigo as minhas pernas a não abandonarem a sua posição.

— Não, ele não disse uma palavra a teu respeito — respondeo, garantindo que enfatizo cada palavra para ver as veias dos seus pulsos engrossarem de irritação. — Mas, a julgar pela tua conversa, tenho a sensação de que há algo de profunda e perturbadoramente errado contigo.

— Muito perspicaz da tua parte — atira, inclinando a cabeça para o lado. Tem uma expressão inquisitiva quando acrescenta sarcasticamente: — As pessoas tendem a acabar na solitária quando há nelas algo de perturbador, e, surpresa, também tens um problema qualquer, se vieste parar a uma cela comigo.

Cerro os dentes ao ouvir o comentário dele. É inteligente. *Não deixes que te desarme*, censuro-me.

O seu olhar profundo fixa-se unicamente em mim. A minha coluna cola-se à parede quando ele dá alguns passos mais largos até ficar apenas a centímetros de mim. Apoia lentamente as duas mãos de ambos os lados da minha cabeça, inclinando-se para mim até os seus olhos ficarem ao nível dos meus.

O meu coração bate de tal maneira que consigo sentir o fluxo da minha artéria carótida pulsar contra a minha pele. Tenho a sensação de que o ar não contém oxigénio suficiente para os dois.

Olha-me fixamente, sem dizer ou fazer nada, mas dá a sensação de me querer despir camada por camada para saber o que me motiva.

— Que estás a fazer? — murmuro, engolindo em seco.

Ele não responde, mas os seus olhos fixam-se nos meus lábios antes de analisar as minhas feições mais de perto. O seu odor é inebriante; um misto de bergamota e vidoeiro, o que me lembra um lugar tranquilo na floresta onde costumava sentar-me sob as estrelas na grande propriedade da minha família.

Fecho os olhos perante o seu olhar perturbador.

— Vou matar-te. Não é evidente? — diz por fim. A sua voz é grave e carregada de intenções sombrias. Não tenho qualquer dúvida de que fará o que diz.

Abro os olhos ao perceber que a morte está realmente tão perto de me reclamar. No entanto, não sinto medo. Tenho-me perguntado que rosto teria o diabo quando finalmente me viesse buscar.

Olho para ele sem descuidar um só centímetro do seu rosto. Quem diria que seria tão jovem e atraente?

— Vais? — respondeo num murmúrio indiferente. Ele deve ser mais burro do que eu pensava, para achar que não darei luta. A esperança de liberdade que o Nolan me colocou na cabeça deu-me algo que desejar para mim.

Algo que nunca tive verdadeiramente.

Ele semicerra os olhos quando lanço a minha mão em direção à sua cabeça, apontando-a à parte macia da têmpora dele. Mas agarra o meu punho com facilidade e prende-o de encontro à parede. O seu toque é frio, adequado à imagem de soldado destroçado que transmite. Inspiro profundamente e encaro o seu olhar intimidante, desafiando-o a tentar acabar com a minha vida sem sentido.

Já fui rejeitada pelo meu pai. Tecnicamente, a minha mãe também me rejeitou. A sua bondade nunca teve como significado proteger-me dele. Assemelhava-se mais a um paliativo rápido e apologético por ela ser tão banana. Tecnicamente, ela também me rejeitou.

Deixo cair os braços no seu aperto e um sorriso de desconfiança aflora-lhe os lábios.

— Achas-te muito especial, não achas? — pergunta o Cameron, apertando-me contra o peito. — Achas que não te arranco o coração — sussurra de encontro ao meu ouvido, como um amante faria. A minha vontade vacila quando um pulsar de excitação me percorre as veias. Não sei por que motivo adoro o perigo. Talvez seja a euforia natural que tanto desejo, mas não me sentia tão entusiasmada desde que abati a minha última vítima.

Se ele quer entrar em joguinhos, vamos a isso.

— Nem me dás a oportunidade de arrancar o teu? — murmuro docemente em resposta, passando a palma da mão sobre

a braguilha dele. O que o distrai como sabia que aconteceria, fazendo-o arregalar os olhos enquanto inspira com sofreguidão. Aproveito a oportunidade e piso-lhe o arco do pé, entre o dedo mindinho e o anelar. O seu rosto é perpassado por uma expressão de surpresa e ele geme quando o seu corpo falha, caindo desamparadamente no chão.

Os pontos de pressão dão muito jeito em combate corpo a corpo, especialmente contra adversários maiores. Quanto maiores são, mais fácil é atingir o ponto certo. O Cameron dirige-me um olhar furioso, mas, em vez de demorar um instante a processar o facto de o seu corpo ter cedido, como achei que faria, agarra-me o tornozelo quando tento passar para o outro lado da cela e atira-me ao chão. O meu rabo bate no chão de betão e, antes que consiga afastar as suas mãos da minha perna, puxa-me para baixo de si e prende-me os braços junto ao corpo, usando os joelhos para o efeito.

Recuso deixar sair o grito que se forma na minha garganta. Fito-o de dentes cerrados, debatendo-me para me livrar dele.

— Sai de cima de mim, idiota! — exclamo.

Ele inclina-se preguiçosamente para trás e solta uma garanhada. A minha pulsação martela-me aos ouvidos, mas tento manter-me calma, uma vez que ele ainda não me magouou.

— Achas engraçado? — pergunto entre dentes, fazendo tanta força com as ancas quanto consigo.

Ou ele subestimou a minha força, ou assumiu que sou uma idiota no que toca a um combate, porque o seu corpo descontraído é enviado por cima da minha cabeça. Ele bate com o rosto na parede de cimento. Eu ponho-me de pé num piscar de olhos, recuando até sentir a espinha contra a porta de aço frio do outro lado da cela.

O Cameron permanece no mesmo lugar durante alguns minutos, imóvel e com o sangue a acumular-se em volta da sua cabeça. Começo a bater com o pé, ansiosa com a possibilidade de o ter matado. Não pode ser assim tão fácil, não quando o Nolan o elogiou tanto.

Não faças isso, que ele está a deitar-te o isco. No entanto, passados mais alguns minutos sem que ele se mexa, a preocupação que sinto leva a melhor. O Nolan pode muito bem ficar furioso se eu matar este tipo. É evidente que ele é importante, ou não o mantiriam nas fileiras apesar de ser doido. Não é que o quisesse matar.

Merda. Vou arrepender-me disto. Consigo ouvir o Reed censurando-me porque isto é precisamente o que ele me disse para não fazer em circunstância alguma. *Nunca mostres pena do teu adversário.*

Não costumo fazer tal coisa. Mato os meus adversários, como tem de ser. Marco-os a meu gosto para preencher o vazio doloroso que me deixaram na alma. Mas não sou cruel como o Reed, ou como o Cameron parece ser.

Estou apenas a tentar sobreviver, porra.

Lentamente, começo a aproximar-me dele. Tem os dois olhos fechados. As pestanas compridas e escuras fazem um contraste acentuado com a sua pele pálida, e tem o cabelo desalinhado por causa da luta.

— Ei, não estás morto, pois não? — murmuro, empurrando-lhe um ombro com o pé. Vendo que ele não se move, aproximo-me mais e reparo que o sangue lhe sai da boca e não do crânio.

Oh, merda.

Os olhos do Cameron abrem-se de repente. Ele sorri, com os dentes cobertos de sangue. Afasto-me de repente e caio no colchão. Ele senta-se lentamente e encosta-se à parede, com uma perna dobrada e a outra estendida de forma descuidada. O sangue que lhe pinga do lábio inferior mancha-lhe o queixo, que ele limpa com a manga da camisola.

Crava em mim um olhar fatigado e um leve sorriso.

— Tens genica. Gosto disso — aprecia, rindo entre dentes e deixando cair a cabeça como se estivesse bêbedo. *Espera.* Eu tinha razão, o que o Nolan lhe deu foram drogas. Será que está sob o efeito das mesmas?

No longo instante em que o observo em silêncio, percebo que sinto mais pena dele do que medo. Demoro o olhar na sua figura

o mais que posso, mas passar mais de vinte e quatro horas acordada no comboio e na viagem de barco para chegar até aqui tem o seu preço.

Semicerro os olhos enquanto olho para ele fixamente, apoiando a cabeça no joelho enquanto espero que se mexa e tente atacar-me de novo. Os meus pensamentos começam a acalmar lentamente antes de eu ser tomada por um sono agitado.

*

Alguém me bate na testa.

Abro os olhos de repente.

Tento sentar-me, mas sou mantida deitada por um braço forte. Olho para a minha direita e vejo o Cameron, que me olha diretamente nos olhos. Mesmo com metade do rosto suja por sangue seco, continua a parecer um deus. Está deitado de lado numa posição descontraída, apoiado num cotovelo com a mão pendente sobre a minha cabeça.

Bate-me de novo na testa, fazendo-me estremecer e tomar consciência de mim.

Os seus lábios abrem-se num sorriso que revela uns caninos mais aguçados do que deviam. Será que os afiou? *Credo*. Cada centímetro dele pode perfeitamente ser uma arma.

Espera, cada centímetro, não. Um rubor espalha-se pelas minhas faces antes de refrear de novo os meus pensamentos.

— Já estava na hora de acordares — diz, quase em jeito de brincadeira. Não consigo perceber se é o sotaque que o faz parecer mais jovial do que na realidade é, ou se está apenas a brincar comigo.

Franzo o cenho enquanto tento sentar-me de novo. Ele passa o braço sobre a minha barriga, mantendo-me firmemente no lugar. Solto um suspiro.

— Julgava que me ias matar — observo sardonicamente, apesar de saber que estou a brincar com o fogo. Obrigo-me a desviar o

«VOU SER A TUA RUÍNA. VOU ROUBAR A LUZ QUE RESTA DENTRO DE TI.»

Embora considerado clinicamente louco, Cameron Mortem é um dos melhores e mais letais soldados das Dark Forces, as implacáveis forças militares secretas sustentadas sobre obediência, sobrevivência e silêncio. Mas tem um enorme problema: não consegue parar de matar os seus parceiros diretos, apesar de todos os esforços dos seus superiores para o prevenir.

Emery Maves tem um passado sombrio, carregado de crimes brutais. Para ser poupada à pena de morte, é enviada para as Dark Forces, entrando assim neste mundo violento com Cameron. Nesta sua nova realidade, terá de sobreviver não só às mortíferas Provas do Subterrâneo como também à natureza instável do seu parceiro, que tem como missão mantê-la viva.

Com as Provas a testarem os seus limites enquanto dupla, Emery terá de adaptar-se às exigências das forças especiais, ao mesmo tempo que tenta resistir à atração por aquele homem que ela sabe que tão facilmente poderá protegê-la como matá-la.

O que os une é intóxicode, caótico e violento. Se não os destruir, poderá acabar por salvá-los.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-656-1



9 789895 896561